

# Não pague mico!

**A** aparência esbelta, o corpo ágil, a longa cauda listrada, os tufo de pelos dos dois lados da cabeça, com a mancha que lhe rendeu o apelido. De repente, ele surge num galho de árvore e corre assustado. Outras vezes, curioso, aproxima-se para pegar comida. É aí que começam os problemas do mico-estrela.

Quem vê o mico-estrela ou sagüi pulando de galho em galho pode até pensar que ele é nativo do Rio. Porém, as duas espécies encontradas aqui vieram do Nordeste ou do Cerrado. Quase sempre são capturados ainda jovens para serem vendidos como animais de estimação, muitas vezes embriagados pelos traficantes para que

pareçam mais docéis. Mas, depois de crescerem e se tornarem agressivos, são soltos no mato ou simplesmente fogem.

Nas áreas de Mata Atlântica, como em Casemiro de Abreu e Silva Jardim, eles competem com uma espécie nativa: o sagüi-da-serra, que já estava ameaçado de extinção e viu a sua situação ficar pior ainda. No município do Rio, a facilidade para conseguir comida muitas vezes o leva a se aproximar do homem outra vez.

Pode até ser divertido. Mas não faz bem algum. Alimentar micos-estrela ou tentar criá-los em casa pode ser um grande perigo. Ainda mais porque, sem predadores naturais,

como gaviões, a única limitação para a multiplicação dos sagüis é a oferta de alimento. Se a oferta for facilitada, há risco de superpopulação. E de desequilíbrio do meio ambiente, já que os sagüis também se alimentam de outros pequenos animais, como pássaros e lagartos.

Infelizmente, é o que parece estar acontecendo no Rio. Bandos de sagüis já foram vistos caminhando pelos fios da rede elétrica e chegando a áreas densamente povoadas.

A espécie mais vista na cidade é o mico-estrela-de-tufo-branco (*Callithrix jacchus*), originário do Nordeste mas que já se tornou comum também nas matas do Rio de Janeiro

## Herpes é maior risco para o homem

No Nordeste, de onde veio o mico-estrela-de-tufo-branco, já houve casos de transmissão de raiva por mordidas, levando à morte algumas pessoas que tentaram capturá-lo. O biólogo Márcio Moraes Júnior, da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), recomenda a quem encontrar um deles que não tente se aproximar. "Podem transmitir doenças como pneumonia, que matariam um animal doméstico em uma semana", avisa.

O veterinário Carlos Eduardo Verona, que prepara uma tese de doutorado sobre a transmissão de doenças pelo animal, ressalta que o maior risco para o homem é mesmo o herpes labial. "Ele pode estar contaminado com uma variante do vírus que causa sérios danos. A maioria morre antes disso, mas alguns desenvolvem resistência e se tornam transmissores", alerta.

Outras doenças, como a raiva e a leptospirose, também podem ser transmitidas, mas a possibilidade é menor.

Caso alguém encontre um grupo de micos, Verona recomenda que não os alimente e nem tente se aproximar. O procedimento correto é chamar os bombeiros ou a Patrulha Ambiental da prefeitura do Rio, pelo Disque-Verde (2502-0578).

Ignorando o problema de descontrole ambiental, o Ibama recomenda simplesmente deixar os animais em paz, caso sejam avistados próximos a áreas de floresta. Entretanto, Verona lembra que o comportamento padrão no caso de espécies invasoras seria a erradicação, um processo que ele admite difícil e impopular. "Poderia ser feito com a esterilização dos micos, o que reduziria a população na cidade aos poucos", sugere.

## Um primata de 30 centímetros

Nome científico: *Callithrix jacchus* (mico-estrela-de-tufo-branco) e *Callithrix penicilata* (mico-estrela-de-tufo-preto)

Comprimento: até 30 cm  
Peso: até 240 g  
Cauda: cerca de 35 cm, não-preênsil  
Cria: dois filhotes.  
Período de gestação: 150 dias  
Tempo de vida: até 20 anos  
Organização: grupos de até 15 membros  
Alimentação: frutas, goma (selva) de árvores, ovos, insetos e outros pequenos animais

